

SOTAQUE KIWI DOS EXAMINADORES IELTS E IDENTIDADE IRANIANA DOS CANDIDATOS IELTS E SEU DESEMPENHO DE FALA NA NOVA ZELÂNDIA

IELTS EXAMINERS' KIWI ACCENT AND IRANIAN IELTS CANDIDATES' IDENTITY AND SPEAKING PERFORMANCE IN NEW ZEALAND

IDENTIDAD DE LOS CANDIDATOS DE IELTS Y EL ACENTO DE KIWI DE LOS EXAMINADORES DEL IELTS EN NUEVA ZELANDA

Maria SHOBEIRY¹

RESUMO: Este estudo explora a influência do sotaque neozelandês dos examinadores do IELTS (também conhecido como sotaque Kiwi) no desempenho falado de 45 candidatos ao IELTS iranianos, homens e mulheres, no âmbito da teoria da acomodação da comunicação (CAT) a partir da perspectiva do pós-estruturalismo em que a identidade é considerada uma abordagem dinâmica. Este é um projeto sequencial explicativo de método misto, no qual as notas dos candidatos em um teste IELTS real foram comparadas às suas notas em um teste simulado através do emprego de um teste t de amostras emparelhadas para cada grupo de proficiência no idioma (B2, C1 e C2). Uma entrevista semiestruturada também foi conduzida para extrair informações sobre os sentimentos dos participantes diante dos examinadores Kiwi. Os resultados revelaram que 1) a autoidentificação dos candidatos e 2) seu nível de proficiência indicaram como seu desempenho foi influenciado pelo sotaque dos examinadores Kiwi. Participantes com proficiência B2 (pontuação na faixa de 5,5-6,5) e C1 (pontuação na faixa de 7 a 8), o sotaque Kiwi acentuou as diferenças de etnia e identidade. Eles também trataram das questões culturais da L1 como uma barreira. Nenhum desses problemas foi encontrado em participantes C2 (pontuação de banda 8,5-9). Os instrutores do IELTS devem considerar as características de identidade dos candidatos e cobrir todos os sotaques principais de falantes nativos de inglês em seus programas de preparação.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Sotaque dos examinadores do IELTS. Sotaque Kiwi. Intervenção cultural negativa.

RESUMEN: Este estudio explora la influencia del acento neozelandés de los examinadores del IELTS (también conocido como acento kiwi) en el desempeño oral de 45 hombres y mujeres candidatos al IELTS iraníes dentro del marco de la teoría de la acomodación de la comunicación (CAT) desde la perspectiva del postestructuralismo en el que la identidad se considera un enfoque dinámico. Este es un diseño secuencial explicativo de método mixto en el que los puntajes de expresión oral de los candidatos en una prueba IELTS real se compararon con sus puntajes en una prueba simulada mediante el empleo de una prueba t de muestras pareadas para cada grupo de dominio del idioma (B2, C1, y C2). También se realizó una entrevista semiestruturada para extraer información sobre los sentimientos de los participantes al enfrentarse a los examinadores Kiwi. Los resultados revelaron que 1) la

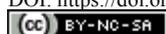
Universidade do Teerã (UT), Teerã – Irã. Departamento de Linguística Aplicada. Estudante de PhD. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2499-0366>. E-mail: maria.shobeiry@ut.ac.ir

Rev. *EntreLínguas*, Araraquara, v. 8, n. esp. 1, e022003, mar. 2022.

e-ISSN: 2447-3529

DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v8iesp.1.16913>

1



autoidentificación de los candidatos y 2) su nivel de competencia indicaron cómo su desempeño fue influenciado por el acento de los examinadores Kiwi. Los participantes con competencia B2 (puntaje de banda 5.5-6.5) y C1 (puntaje de banda 7-8), el acento kiwi acentuó las diferencias de origen étnico e identidad. También se ocuparon de cuestiones culturales de L1 como barrera. Ninguno de estos problemas se encontró en los participantes C2 (puntuación de la banda 8.5-9). Los instructores de IELTS deben considerar las características de identidad de los candidatos y cubrir todos los acentos principales de los hablantes nativos de inglés en sus programas de preparación.

PALABRAS CLAVE: *Identidad. Acento de los examinadores del IELTS. Acento de kiwi. Intervención cultural negativa.*

ABSTRACT: *This study explores the influence of IELTS examiners' New Zealand accent (aka, Kiwi accent) on the speaking performance of 45 men and women Iranian IELTS candidates within the framework of communication accommodation theory (CAT) from the post-structuralism perspective in which identity is considered to be a dynamic approach. This is a mixed-method explanatory sequential design in which the candidates' speaking scores on a real IELTS test were compared to their scores on a mock test through employing a paired-samples t-test for each group of language proficiency (B2, C1, and C2). A semi-structured interview was also conducted to extract information about participants' feelings when facing the Kiwi examiners. The results revealed that 1) the candidates' self-identification and 2) their level of proficiency indicated how their performance was influenced by the Kiwi examiners' accent. Participants with B2 (band score 5.5-6.5) and C1 (band score 7-8) proficiency, Kiwi accent accentuated the differences of ethnicity and identity. They also attended to L1 cultural issues as a barrier. None of these issues were found in C2 participants (band score 8.5-9). IELTS instructors are to consider the candidates' identity features and cover all the main accents of English native speakers in their preparation programs.*

KEYWORDS: *Identity. IELTS examiners' accent. Kiwi accent. Negative cultural intervention.*

Introdução

Nos contextos de aprendizagem da língua inglesa, a fim de avaliar a proficiência em línguas dos alunos, quatro habilidades principais de leitura, escrita, fala e escuta são avaliadas por especialistas profissionais ou, em uma gama mais ampla, por sistemas de teste padronizados. O International English Language Testing System (conhecido como IELTS) é um dos testes de proficiência em línguas padronizados mais válidos do mundo pelo qual se pode receber um relatório de teste que é reconhecido e aceito por muitas instituições internacionais, como empresas, universidades, organizações profissionais e agências governamentais.

Para alcançar a maior pontuação possível no exame IELTS, a maioria dos candidatos em todo o mundo participa de programas de preparação do IELTS e realiza várias provas

simuladas antes do exame real. Normalmente, é previsto que as notas dos candidatos no teste real estejam à perto de suas pontuações nos testes simulados. Portanto, se essa suposição for rejeitada em vários casos, é vital que os linguistas aplicados descubram as prováveis razões para que possam elaborar estratégias compensatórias para superar os problemas.

No módulo de fala no exame IELTS, ao contrário dos outros módulos, os tomadores de teste não estão apenas lidando com as questões e seus próprios conhecimentos, mas também, eles são obrigados a ter uma conversa ao vivo com um examinador e fazer uma comunicação coerente ao longo do teste.

Nesse sentido, pesquisas têm demonstrado que há tantos fatores contextuais que poderiam afetar negativamente a qualidade do desempenho da fala dos candidatos, como a ansiedade, a falta de concentração, a variedade de sotaques dos palestrantes e o desconhecimento com o contexto (TAYLOR, 2003); conseqüentemente, seu desempenho não poderia realmente representar seu nível real de competência no teste. Um desses fatores intervenientes é a forma de pronunciamentos dos examinadores (TAYLOR, 2003; WEIR; MILANOVIC, 2003).

Vários estudos têm investigado o efeito do estilo de fala dos examinadores do IELTS nas notas da parte da fala dos candidatos (ALDERSON; NORTH, 1991; ALTAKHAINEH; AL-TKHAYNEH; RAHROUH, 2019; KENYON, 1998; LAZARATON, 2002; TONKYN; WILSON, 2003; WEIR; MILANOVIC, 2003). Os resultados de tais estudos confirmaram o valor do uso de um script padronizado ou "quadro interlocutor" no módulo de fala IELTS (TAYLOR, 2003). Contudo, algumas das características influenciadoras dos examinadores não são padronizadas (como seu sotaque, etnia e questões culturais) que não têm sido estudadas adequadamente na literatura. Portanto, este estudo é uma tentativa de explorar o provável efeito do sotaque dos examinadores do IELTS sobre o desempenho falado dos participantes do teste iraniano IELTS que eram recém-chegados à Nova Zelândia (menos de 6 meses de estadia na Nova Zelândia) e não estavam familiarizados com o sotaque dos neozelandeses (também conhecido como sotaque Kiwi).

Revisão da Literatura Relacionada

Para revisar os estudos anteriores sobre proficiência em falar, primeiro, é necessário definir a construção da proficiência falante. A fala é definida como uma habilidade produtiva que é altamente baseada na comunicação na natureza; portanto, a única maneira de medir essa habilidade é através da natureza das comunicações ao vivo (IELTS BRITISH COUNCIL, 2017;

LEVELT, 1989; MCNAMARA, 1996; TONKYN; WILSON, 2003; ZIBIN, 2016;). Devido à imensa importância da comunicação na avaliação da habilidade de falar, este é o único módulo no exame IELTS no qual os candidatos são obrigados a se comunicar com examinadores frente a frente como em um contexto de entrevista ao vivo. O sistema de pontuação IELTS para o teste de fala é em sua maioria enquadrado com base na coerência, fluência e naturalidade da conversa entre os candidatos e os examinadores.

Uma vez que o conceito de cultura e linguagem sempre andam lado a lado, há muitos estudos na literatura que investigaram o impacto da cultura dos indivíduos sobre seu comportamento linguístico mesmo quando falam uma segunda língua (ARIFFIN, 2006; JI; ZHIYONG; RICHARD, 2004; SUN, 2007; TARONE; YULE, 1987). O ponto principal desses estudos foi apresentar o fato de que nenhuma língua poderia existir isoladamente e a proficiência oral de uma pessoa é influenciada principalmente pelo fator da cultura (KARIM; HAQ, 2014; KHAN, 2006;). Consequentemente, podemos inferir que um forte limite entre linguagem e cultura poderia ser a fonte de problemas de comunicação entre falantes com diferentes origens culturais (ALPTEKIN, 2002; ZIBIN; ALTAKHAINEH, 2014).

Com base nesse quadro conceitual, existem alguns estudos na literatura que investigaram o efeito da cultura dos examinadores falantes do IELTS sobre a proficiência falada dos avaliados pelo teste (por exemplo, ALTAKHAINEH; AL-TKHAYNEH; RAHROUH, 2019; KHAN, 2006; O'LOUGHLIN, 2002; ROSHAN, 2013). Entre esses estudos, os resultados de Altakhaineh *et al* (2019) são muito perspicazes ao realizarem um estudo qualitativo no âmbito da teoria da acomodação da comunicação sobre 30 participantes (masculinos e femininos) do teste IELTS e 10 instrutores do IELTS e revelaram que o gênero dos examinadores do IELTS influencia o desempenho oral dos examinadores árabes no que diz respeito ao aspecto das preferências lexical e gramatical. Além disso, seus resultados demonstraram uma influência considerável da diferença cultural do examinador e examinaram o desempenho dos candidatos árabes do IELTS.

Em relação aos fatores culturais, Khan (2006) explorou a possibilidade da influência de qualquer viés cultural dos examinadores falantes do IELTS em sua estrutura preferida, padrões de vocabulário e metodologia do sistema de pontuação. Para isso, ela utilizou um questionário seguido de uma entrevista em grupo focal sobre 16 examinadores do IELTS e demonstrou que o viés cultural tinha forte presença nas escolhas dos temas discutidos no módulo de fala em Bangladesh.

Por mais influentes que as questões culturais tenham sido na proficiência falante dos tomadores de teste do IELTS (ALTAKHAINEH; AL-TKHAYNEH; RAHROUH, 2019; KHAN, 2006; O'LOUGHLIN, 2002; ROSHAN, 2013), o sotaque dos interlocutores também poderia ter um papel crucial no fluxo de conversa entre os examinadores e os tomadores de teste, uma vez que há uma evidente ligação entre os valores culturais de uma comunidade de fala e o sotaque dos falantes dessa língua (WALKER, 2010).

Lippi-Green (1997) definiu o sotaque como "pacotes soltos de características prosódicas e segmentais distribuídas sobre espaço geográfico e/ou social" (p. 42) que é um marcador evidente da classe social do orador e da posição geográfica da comunidade auditiva (MOYER, 2013; SUNG, 2013). Portanto, um sotaque não só pode identificar uma pessoa em termos de características sociais, mas também pode definir um orador em termos de pertencimento a determinados grupos sociais (SMIT; DALTON, 2000; WALKER, 2010). Em suma, vários sotaques dos falantes de uma língua podem representar muitas características de identidade dos falantes desses sotaques (MORGAN, 1997; SIFAKIS; SOUGARI, 2005; WALKER, 2010).

Quanto ao fato de que a maioria dos examinadores do IELTS são falantes nativos do inglês, e considerando o fato de que existem vários tipos de sotaques ingleses no mundo (por exemplo, sotaque Kiwi, sotaque escocês, sotaque irlandês, sotaque multicultural londrino inglês, sotaque canadense, sotaque de Nova Jersey, etc.), não há estudo na literatura publicada para ilustrar o provável efeito desses vários sotaques sobre o desempenho falado dos examinadores. Portanto, este estudo é uma tentativa de preencher uma pequena parte dessa grande lacuna na literatura sobre o provável efeito do sotaque Kiwi dos examinadores sobre o desempenho oral dos falantes de L1 persas no exame IELTS no âmbito da teoria da acomodação da comunicação proposta por muitos estudiosos da literatura (AUER; HINSKENS; KERSWILL, 2005; COUPLAND; GILES, 1988; GALLOIS; GILES, 2015; GILES, 1984, 2007).

De acordo com a teoria da acomodação da comunicação, os falantes estão naturalmente inclinados a adaptar seu estilo de fala aos dialetos falados por seus interlocutores (GILES, 1984, 2007). Essa adaptação pode variar desde a mudança da taxa de fala até as mudanças no vocabulário e nas preferências gramaticais durante uma fala (AUER; HINSKENS; KERSWILL, 2005; GALLOIS; GILES, 2015).

Em relação ao ponto principal da teoria da acomodação da comunicação, as mudanças que os palestrantes aplicam ao falar com vários destinatários poderiam ser consideradas como expressando seu desejo de convergir ou divergir de seus interlocutores. Eles fazem essas

mudanças com a intenção de alcançar a aprovação do interlocutor ou, por outro lado, apresentar uma distância social deles (TRUDGILL, 1986).

Portanto, os dois conceitos de convergência e acomodação de divergências são definidos na teoria da acomodação da comunicação como as estratégias empregadas pelos palestrantes para se adaptar ao comportamento comunicativo dos interlocutores para limitar as diferenças sociais para o primeiro; e, os comportamentos verbais e não verbais que apresentam diferenças sociais entre os palestrantes para este último (GILES, 2007). Com base nessas definições, é evidente que a teoria da acomodação da comunicação está associada ao contexto do uso da linguagem e das identidades dos falantes (GALLOIS; GILES, 2015).

Uma vez que o sotaque de uma comunidade de fala é um sinal de sua identidade sociocultural (WALKER, 2010) e, porque, de acordo com a teoria da comunicação, os palestrantes tentam mudar seu estilo de fala para exibir sua intimidade social ou distância social uns dos outros, a influência do sotaque dos examinadores do IELTS no desempenho dos candidatos do IELTS é uma probabilidade esperançosa que não foi explorada na literatura no passado; portanto, este estudo está tentando responder às seguintes perguntas de reafirmação.

Perguntas de pesquisa

- 1) O sotaque dos examinadores do IELTS da Nova Zelândia afeta o desempenho falante dos tomadores de teste iranianos IELTS?
- 2) Se há tal efeito, qual é a principal razão para isso?
- 3) Se existe tal efeito, há alguma diferença significativa entre as extensões desse efeito sobre o desempenho falante dos participantes com vários níveis de proficiência em inglês?

Metodologia

Este estudo é um projeto sequencial explicativo de método misto no qual uma abordagem quantitativa é empregada para explorar as diferenças entre as pontuações de fala dos participantes em um teste IELTS real administrado por examinadores com sotaque Kiwi e as notas de fala dos participantes em um teste simulado do IELTS administrado por examinadores com sotaque britânico de Londres em uma academia IELTS na cidade de Auckland – Nova Zelândia. A seção quantitativa é seguida por uma coleta e análise de dados qualitativos, a fim de encontrar as prováveis razões para os resultados da parte quantitativa.

Participantes

Um total de 45 falantes nativos persas do sexo masculino e feminino que eram todos recém-chegados à Nova Zelândia (vivendo na Nova Zelândia menos de 6 meses) constituíram os participantes deste estudo.

Todos eles foram altamente educados com um grau mínimo de Bacharelado e grau máximo de doutorado em Odontologia ou outras áreas. Todos eles foram obrigados a realizar um exame IELTS (acadêmico ou geral) para seus fins de imigração, educação e negócios na Nova Zelândia. Sua faixa etária era de 23 a 56 anos e eles estavam tentando conseguir um emprego e residir na Nova Zelândia por um longo tempo; assim, pelo menos na superfície, eles não mostraram resistência contra aceitar a cultura neozelandesa ou o sotaque Kiwi.

Dados

Os dados deste estudo foram coletados em uma academia IELTS na cidade de Auckland - Nova Zelândia em 2020, composta por duas partes principais:

Dados quantitativos, análise de dados e resultados

Todos os participantes foram divididos em três grupos de usuários intermediários (B2), pré-avançados (C1) e avançados (C2). Dois conjuntos de escores da parte da fala dos participantes foram considerados como o conjunto de dados quantitativos deste estudo. O primeiro conjunto de pontuações incluiu as notas dos participantes em um teste simulado administrado por um examinador com sotaque britânico de Londres e o segundo conjunto de pontuações incluiu as notas dos participantes no teste real do IELTS com os examinadores Kiwi. Foi realizado um teste t de amostra emparelhada para cada grupo para investigar as prováveis diferenças entre as pontuações dos participantes no teste simulado e no teste real.

A Tabela 1 apresenta os meios de pontuação de cada grupo no teste simulado e no teste real. Nesta Tabela, o par 1 refere-se às pontuações dos participantes com nível B2 de proficiência em inglês (intermediário), já o par 2 refere-se às pontuações dos participantes com nível C1 de proficiência (pré-avançado), e, finalmente, o par 3 demonstra as pontuações dos participantes com nível de proficiência C2 (avançado).

Tabela 1 – Estatísticas de Amostras Emparelhadas

		Média		N	Desvio padrão	Média de erro padrão
Par 1	Simulado 1	6.1000		15	.43095	.11127
	Real 1	5.1333		15	.22887	.05909
Par 2	Simulado 2	7.3000		15	.25355	.06547
	Real 2	6.5000		15	.32733	.08452
Par 3	Simulado 3	8.6000		15	.20702	.05345
	Real 3	8.5000		15	.32733	.08452

Fonte: Preparado pelos autores

Tabela 2 – Teste de Amostras Emparelhadas

		Par 1	Par 2	Par 3
		Simulado 1- Real 1	Simulado 2- Real 2	Simulado 3- Real 3
Diferenças emparelhadas	Média	.96667	.80000	.10000
	Desvio padrão	.35187	.25355	.20702
	Média de erro padrão	.09085	.06547	.05345
	Intervalo de Confiança de 95% da Diferença	Inferior	.77181	.65959
Superior		1.16152	.94041	.21464
t		10.640	12.220	1.871
Df		14	14	14
Sig. (2 caudas)		.000	.000	.082

Fonte: Preparado pelos autores

Como ilustra a Tabela 2, há uma diferença estatisticamente significativa entre os escores nos testes reais e nos testes simulados dos participantes com níveis B2 e C1 de proficiência linguística. Todavia, não houve significância estatística entre os escores dos participantes com nível C2 de proficiência em seus testes simulados e nos testes reais.

Dados qualitativos, análise de dados e resultados

A fase qualitativa de coleta de dados deste estudo ocorreu após a parte quantitativa como etapa de acompanhamento explicativo que incluiu uma entrevista semiestruturada em persa realizada em vinte minutos com cada participante no WhatsApp. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e codificadas para extrair as principais ideias dos participantes sobre como se sentiam sobre suas características de identidade e seu desempenho ao enfrentar o sotaque Kiwi dos examinadores nos testes reais.

A seguir, as perguntas feitas nas entrevistas semiestruturadas:

1. Como você se define na Nova Zelândia? Quem é você neste país?

2. Teve algum problema com o sotaque do examinador no teste real? Se sim, o que foi?
3. Você sentiu vontade de pedir repetição ou esclarecimento?
4. Como se sentiu no contexto do exame como estrangeiro? Você estava confortável lá? Você estava nervoso? Ficou intimidado pelo examinador?
5. Como você pode definir sua identidade quando você estava fazendo o teste com um examinador Kiwi? Compare com o teste simulado.
6. Quando o examinador fez perguntas o que atraiu sua atenção/ou te distraiu mais, o que foi diferente da época em que você praticou na academia?

Sistema de codificação para os dados qualitativos

Os dados qualitativos foram codificados outras duas vezes:

Primeiro, as transcrições das entrevistas gravadas foram codificadas com base em 9 categorias principais encontradas nas respostas dos participantes como:

1. Ser um estrangeiro em um novo país com um diploma de graduação que me fez um trabalhador experiente e qualificado;
2. Ser um iraniano-neozelandês;
3. Tendo problemas em entender os examinadores devido ao seu sotaque;
4. Sentindo-se intimidado pela etnia e pelo sotaque do examinador;
5. Sentindo-se menos confiante por causa da minha identidade como estrangeiro;
6. Sentindo-se menos confiante devido ao meu sotaque estrangeiro e ao olhar exótico;
7. Sentindo-se envergonhado em pedir repetição ou esclarecimento do examinador Kiwi;
8. O sotaque dos examinadores era a principal diferença entre os testes reais e os testes simulados;
9. Perder a concentração por causa da pressão das questões culturais, na minha cabeça, pois me senti obrigado a mostrar mais respeito ao examinador.

Esses códigos foram ainda categorizados em três temas principais de 1) identidade; 2) sentimentos e emoções; e 3) razão de falha no módulo de fala; como são ilustrados na Tabela 3.

Tabela 3 – Esquema de codificação e a frequência de ocorrência de cada código neste conjunto de dados

Temas	Códigos	Frequência de ocorrência de 45	Nível de proficiência em inglês
1. Identidade	Ser um estrangeiro em um novo país com um diploma de graduação	31 ~ 68,8%	B2: 17 C1: 13 C2: 11
	Sendo um iraniano-neozelandês	14 ~ 31,1%	B2:3 C1:6 C2:5
2. Sentimentos e emoções	Sentindo-se intimidado pela etnia e sotaque do examinador	34 ~ 75,5%	B2:19 C1:15
	Sentindo-se menos confiante por causa da minha identidade como estrangeiro	31 ~ 68,8%	B2:21 C1:10
	Sentindo-se menos confiante devido ao meu sotaque estrangeiro e ao olhar exótico	24 ~ 53,3%	B2:18 C1:6
	Sentindo-se envergonhado de pedir repetição ou esclarecimento do examinador Kīwi	37 ~ 82%	B2:19 C1:18
3. Razão do fracasso no desempenho da fala	Tendo problemas em entender os examinadores devido ao seu sotaque	38 ~ 84%	B2:29 C1:9
	O sotaque dos examinadores era a principal diferença entre o teste real e os testes simulados	41 ~ 91%	B2: 18 C1:20 C2:3
	Perder a concentração por causa da pressão das questões culturais, na minha cabeça, pois me senti obrigado a mostrar mais respeito ao examinador.	29 ~ 64,4%	B2:19 C1:10

Fonte: Preparado pelos autores

Na segunda etapa, a fim de encontrar a possível relação entre as respostas dos participantes e seu nível de proficiência em inglês, a transcrição das entrevistas também foi codificada com base nos seis níveis de A1, A2, B1, B2, C1 e C2 no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR), fornecido no site oficial do Conselho da Europa, conforme consta na Tabela 4. Esta etapa do procedimento de codificação foi muito conveniente, uma vez que um teste de colocação havia sido aplicado a todos os participantes pela academia IELTS antes de sua inscrição no programa de preparação. Então, eu confiei nos resultados e codifiquei os dados com base no relatório. Para tornar mais conveniente a apresentação dos dados, simplesmente adicionei uma coluna à Tabela 3 e observei os níveis de proficiência dos participantes cujas respostas estavam relacionadas a um determinado código.

Tabela 4 – Níveis de proficiência em idiomas CEFR equivalentes às pontuações do IELTS

IELTS Score	CEFR	Description
9.0	C2	Expert User
8.5		Very Good User
8.0	C1	Good User
7.5		
7.0		
6.5	B2	Competent User
6.0		Modest User
5.5		
5.0	B1	Limited User
4.5		
0.0 – 4.0	A2 and A1	Extremely Limited/Intermittent/Non Use

Fonte: Preparado pelos autores

Como ilustra a Tabela 3, 68,8% dos participantes definiram sua identidade como um trabalhador qualificado estrangeiro na Nova Zelândia. Esse tipo de autoidentificação pode representar o sentimento de divergência da comunidade Kiwi. Curiosamente, os três códigos de 1) Sentir-se intimidado pela etnia e sotaque do examinador, 2) Sentir-me menos confiante por causa da minha identidade como estrangeiro, e 3) Sentir-se menos confiante devido ao meu sotaque estrangeiro e ao olhar exótico foram expressas principalmente por esses 68,8% dos participantes que estavam nos níveis B2 e C1 de proficiência em inglês. O código de "sentir vergonha de pedir repetição ou esclarecimento do examinador Kiwi" foi declarado por 82% dos participantes que estavam nos níveis B2 e C1 de proficiência em inglês. Além disso, 64,4% dos participantes com níveis de proficiência em inglês B2 e C1 afirmaram estar presos a uma questão cultural interna que os fez perder a concentração em seu desempenho de fala e se sentir obrigado a respeitar o examinador Kiwi mais do que o quanto previamente experimentado com outros examinadores em seus testes simulados. Nas sessões de entrevista, eles elaboraram sobre essa questão cultural negativamente interferindo como a sensação de ser um convidado em um país estrangeiro. Eles claramente declararam que se sentiam obrigados a empregar mais expressões de polidez ritual em interação com o examinador Kiwi. Este bizarro padrão comportamental relatado nos testes reais, estava muito alinhado com o padrão de polidez que os iranianos normalmente realizam quando se comunicam com um anfitrião em uma festa (KOUTLAKI, 2002). Essa foi uma grande descoberta neste estudo, pois vem do contexto

cultural dos participantes e está relacionada à sua autoidentificação em um determinado contexto. Nesse sentido, vale ressaltar que nenhum participante com nível C2 de proficiência em inglês relatou esse problema cultural em suas interações com os examinadores Kiwi. Este fato mostra que usuários altamente proficientes do inglês não foram influenciados negativamente pela interferência de sua formação cultural.

Como ilustra a Tabela 3, 31,1% dos participantes (nos níveis B2, C1 e C2 de proficiência em inglês) identificaram-se como iranianos-neozelandeses que viviam em sua segunda casa. Esse tipo de autoidentificação foi considerada a principal razão de sua confiança e não ser intimidada pelos examinadores Kiwi nos testes reais, em oposição aos 68,8% dos participantes que definiram sua identidade como estrangeiros que vivem na Nova Zelândia. Além disso, a maioria dos participantes (91%) demonstrou que o sotaque dos examinadores era a principal diferença entre seus testes reais e testes simulados. Assim, eles afirmaram que precisavam se familiarizar com o sotaque Kiwi como um dos principais sotaques entre os falantes nativos ingleses durante os programas de preparação do IELTS.

Discussão e conclusão

Os resultados deste estudo mostraram que, em relação à teoria da acomodação da comunicação, os participantes intermediários com nível de proficiência B2 (pontuação de banda 5,5-6,5) e participantes pré-avançados com proficiência C1 (pontuação de banda 7-8) demonstraram uma tendência de divergência em vez de uma convergência; ou seja, eles viam o sotaque Kiwi como uma ferramenta que acentuava a diferença de nacionalidade, etnia, identidade e diferenças culturais. Essa tendência não foi significativa em usuários altamente proficientes do Inglês C2 (pontuação da banda 8,5-9). Nesse sentido, as questões culturais foram consideradas de grande importância.

Na cultura iraniana, ser convidado ou hóspede tem um lugar especial entre outras várias formas de comunicação social; portanto, os falantes nativos persas empregam certas formas de conversas em suas reuniões e festas, como é chamado a polidez ritual de companheirismo (KOUTLAKI, 2002; IZADI, 2016, SHOBEIRY, 2021). O principal quadro de polidez ritual de companheirismo na cultura iraniana foi considerado degradante (SHOBEIRY, 2021). Esta questão foi obviamente vista nos resultados qualitativos deste estudo, em que os participantes, que se identificaram como estrangeiros na Nova Zelândia, declararam que, em comunicação com os examinadores Kiwi, eles se sentiam subliminarmente obrigados a empregar o mesmo tipo de estratégias de polidez ritual que usariam quando fossem convidados para uma festa cheia

de estrangeiros. Curiosamente, eles indicaram que não tinham esse sentimento com o examinador britânico em seus testes simulados porque, primeiro, eles estavam muito familiarizados com o sotaque britânico de Londres, e segundo, eles se sentiram apoiados e protegidos pelos membros da academia IELTS ao ponto de sentirem estar em casa. Esses resultados revelaram que a forma como os tomadores de teste definem sua identidade pode influenciar consideravelmente seu desempenho em um determinado contexto. Nesse sentido, os resultados deste estudo complementam a literatura de estudos culturais no domínio do exame IELTS nisso, ao contrário dos estudos que investigaram o efeito da cultura dos examinadores falantes do IELTS sobre a proficiência falada dos participantes do teste (por exemplo, ALTAKHAYNEH; AL-TKHAYNEH; RAHROUH, 2019; KHAN, 2006; O'LOUGHLIN, 2002; ROSHAN, 2013), este estudo iluminou a influência do histórico cultural dos participantes do teste sobre seu desempenho no exame IELTS. Entretanto, a este respeito, os candidatos iranianos altamente proficientes não relataram qualquer influência negativa das questões culturais em suas comunicações com os examinadores Kiwi.

Implicações

Os resultados têm implicações para que os instrutores do IELTS e os projetistas do programa de preparação do IELTS trabalhem nas questões de identidade dos candidatos. Os candidatos precisam se definir como usuários do inglês como *lingua franca* no planeta. Além disso, o sotaque neozelandês deve ser mais incluído no ensino de partes de habilidades auditivas dos programas de preparação do IELTS. Nisso, os participantes precisam estar familiarizados com todos os principais sotaques dos falantes nativos do inglês. Deve-se notar que essas questões eram um problema para candidatos intermediários e pré-avançados.

Os examinadores falantes do IELTS também precisam notar que 82% dos candidatos se sentem envergonhados em pedir repetição ou esclarecimento que possam afetar negativamente seu desempenho do teste; portanto, recomenda-se aos examinadores do IELTS que parafraseiem suas declarações ou esclareçam suas perguntas sempre que sentirem que há uma falha de comunicação durante o exame de fala.

REFERÊNCIAS

- ALDERSON, J. C.; NORTH, B. **Language testing in the 1990s**: The communicative legacy. London: Macmillan, 1991.
- ALPTEKIN, C. Towards intercultural communicative competence in ELT. **ELT Journal**, v. 56, n. 1, p. 57-64, 2002. Disponível em: <https://academic.oup.com/eltj/article-abstract/56/1/57/414608?login=false>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- ALTAKHAINEH, A. R. M.; AL-TKHAYNEH, K. M.; RAHROUH, H. N. The Effect of the Gender and Culture of the IELTS Examiner on the Examinees' Performance on the IELTS Speaking Test in the UAE Context. **International Journal of Arabic-English Studies**, v. 19, n. 1, p. 33-52, 2019. Disponível em: <http://ijaes.net/article/viewarticle?volume=19&issue=1&articleId=2>. Acesso em: 23 dez. 2020.
- ARIFFIN, S. H. **Culture in EFL teaching**: Issues and solutions. Honolulu: TESOL Working Paper Series, 2006.
- AUER, P.; HINSKENS, F.; KERSWILL, P. **Dialect Change**: Convergence and Divergence in European Languages. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005.
- COUPLAND, N.; GILES, H. Communicative accommodation: Recent developments. **Language and Communication**, v. 8, n. 3, p. 175-327, 1988. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/language-and-communication/vol/8>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- GALLOIS, C.; GILES, H. Communication accommodation theory. In: TRACY, K. (ed.). **The International Encyclopedia of Language and Social Interaction**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2015.
- GILES, H. (ed.). **The dynamics of speech accommodation**. Mouton, 1984.
- GILES, H. **Communication Accommodation Theory**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007
- IZADI, A. Over-politeness in Persian professional interactions. **Journal of Pragmatics**, v. 10, n. 2, p. 13-23. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216616302430>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- JI, L., NISBETT, R. E.; ZHANG, Z. Is it culture or is it language? Examination of language effects in cross-cultural research on categorization. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 87, n. 1, p. 57-65, 2004. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2004-15934-004>. Acesso em: 12 maio 2021.
- KARIM, S.; HAQ, N. An assessment of IELTS speaking test. **International Journal of Evaluation and Research in Education**, v. 3, n. 3, p. 152-157, 2014. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1091676.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

KENYON, D. An investigation of the validity of task demands on performance-based tests of oral proficiency. In: KUNNAN, A. J. (ed.). **Validation in language assessment: Selected papers from the 17^o Language Testing Research Colloquium**, Long Beach. Mahwah, NJ: Erlbaum Associates Publishers, 1998.

KHAN, R. The IELTS speaking test: Analyzing cultural bias. **Malaysian Journal of ELT Research**, v. 2, n. 1, p. 60-79, 2006. Disponível em: https://www.melta.org.my/journals/MAJER/downloads/majer02_01_04.pdf. Acesso em: 10 abr. 2020.

KOUTLAKI, S. A. Offers and expressions of thanks as face enhancing acts: tae'arof in Persian. **Journal of pragmatics**, v. 34, n. 12, p. 1733-1756, 2002. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216601000558>. Acesso em: 12 jun. 2021.

LAZARATON, A. **A qualitative approach to the validation of oral language tests: Studies in Language Testing 14**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002.

LEVELT, W. **Speaking: From intention to articulation**. Cambridge, UK: MIT Press, 1989.

LIPPI-GREEN, R. **English with an accent: Language, ideology and discrimination in the United States**. London: Routledge, 1997.

MCNAMARA, T. **Measuring second language performance**. London: Longman, 1996.

MORGAN, B. Identity and intonation: Linking dynamic processes in an ESL classroom. **TESOL Quarterly**, v. 31, n. 3, p. 431-450, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3587833>. Acesso em: 20 out. 2020.

MOYER, A. **Foreign accent: The phenomenon of non-native speech**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2013.

O'LOUGHLIN, K. 'The impact of gender in oral proficiency testing'. **Language Testing**, v. 19, n. 2, p. 169-192, 2002. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1191/0265532202lt226oa>. Acesso em: 20 set. 2020.

ROSHAN, S. 'A critical review of the revised IELTS speaking test'. **International Journal of English Language Education**, v. 2, n. 1, p. 120-127, 2013. Disponível em: <https://www.macrothink.org/journal/index.php/ijele/article/view/4840>. Acesso em: 16 jan. 2021.

SHOBEIRY, M. Gender differences in using hedges and external pragmatic modifiers of "Taarof" in Persian native speakers' refusals. **Journal of Applied Linguistics and Language Research**, v. 8, n. 1, p. 11-35, 2021. Disponível em: <http://www.jallr.com/index.php/JALLR/article/view/1148>. Acesso em: 02 fev. 2020.

SIFAKIS, N. C.; SOUGARI, A. M. Pronunciation issues and EIL pedagogy in the periphery: A survey of Greek state school teachers' beliefs. **TESOL Quarterly**, v. 39, n. 3, p. 467-488, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3588490>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SMIT, U.; DALTON, C. Motivation patterns in advanced EFL pronunciation learners. **International Review of Applied Linguistics**, v. 38, n. 1, p. 229-246, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3588490>. Acesso em: 5 mar. 2021.

SUN, S. From linguistic knowledge to cultural awareness. **Intercultural Communication Studies**, v. 16, n. 3, p. 192-97, 2007. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.491.9404&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 08 mar. 2021.

SUNG, C. C. M. 'I would like to sound like Heidi Klum': What do non-native speakers say about who they want to sound like? **English Today**, v. 29, n. 2, p. 17-21, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259432901_'I_would_like_to_sound_like_Heidi_Klum'_What_do_non-native_speakers_say_about_who_they_want_to_sound_like. Acesso em: 03 maio 2021.

TARONE, E.; YULE, G. Communication strategies in East-West interactionis. In: SMITH, L. (ed.). **Discourse Across Cultures: Strategies in World Englishes**. Hemel Hempstead: Prentice Hall, 1987.

TAYLOR, L. **The Cambridge approach to speaking assessment**. 13. ed. Cambridge: Cambridge ESOL Research Notes, 2003.

TONKYN, A.; WILSON, J. **Revising the IELTS Speaking Test**. Strathclyde, UK: BALEAP 2001 Annual Conference, 2003.

TRUDGILL, P. **Dialects in Contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

WALKER, R. **Teaching the pronunciation of English as a lingua franca**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

WEIR, C.; MILANOVIC, M. **Continuity and innovation: Revising the Cambridge Proficiency in English Examination 1913 – 2002**. Studies in Language Testing 15. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

ZIBIN, A. On the production of metaphors and metonymies by Jordanian EFL learners: Acquisition and implications. **Topics in Linguistics**, v. 17, n. 2, p. 41-58, 2016. Disponível em: <https://www.sciendo.com/article/10.1515/topling-2016-0012>. Acesso em: 08 maio 2021.

ZIBIN, A.; ALTAKHAINAH, A. Perception of culturally loaded words by Arab EFL learners. **International Journal of Linguistics**, v. 6, n. 3, p1-22. 2014. Disponível em: <https://www.macrothink.org/journal/index.php/ijl/article/view/4922>. Acesso em: 14 jun. 2021.

Como referenciar este artigo

SHOBEIRY, M. Sotaque kiwi dos examinadores IELTS e identidade iraniana dos candidatos IELTS e seu desempenho de fala na Nova Zelândia. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 8, n. esp. 1, e022003, mar. 2022. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v8iesp.1.16913>

Submetido em: 10/11/2021

Revisões requeridas em: 20/12/2021

Aprovado em: 13/02/2022

Publicado em: 30/03/2022